



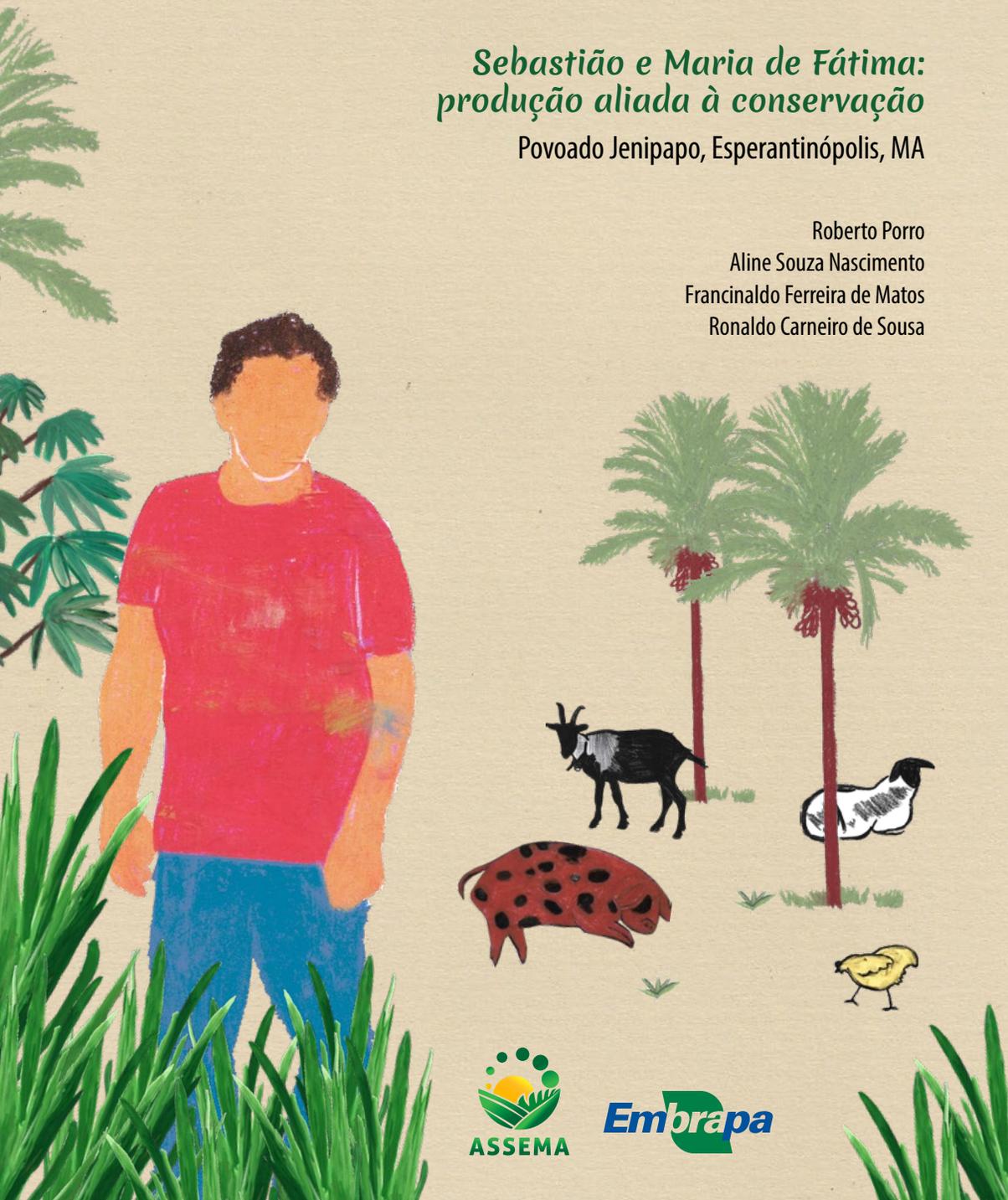
Mestres do Agroextrativismo no Mearim

Volume 20

Sebastião e Maria de Fátima: produção aliada à conservação

Povoado Jenipapo, Esperantinópolis, MA

Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Francinaldo Ferreira de Matos
Ronaldo Carneiro de Sousa



**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia
Embrapa Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão**

Mestres do Agroextrativismo no Mearim
Volume 20

***Sebastião e Maria de Fátima:
produção aliada à conservação***

Povoado Jenipapo, Esperantinópolis, MA

*Roberto Porro
Aline Souza Nascimento
Francinaldo Ferreira de Matos
Ronaldo Carneiro de Sousa*

Embrapa
Brasília, DF
2020

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W5 Norte (final)
70770-917 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4700
Fax: (61) 3340-3624
www.embrapa.br/fale-conosco/sac/

Embrapa Amazônia Oriental

Trav. Dr. Enéas Pinheiro, s/nº
Caixa postal 48
66095-903 Belém, PA
Fone: (91) 3204-1000
Fax: (91) 3276-9845

Unidade responsável pelo conteúdo

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Comitê Local de Publicações
Presidente
Marília Lobo Burle

Secretária-executiva
Ana Flávia do N. Dias Côrtes

Membros

Antonietta Nassif Salomão; Bianca Damiani Marques; Diva Maria Alencar Dusi; Francisco Guilherme V. Schmidt; João Batista Teixeira; João Batista Tavares da Silva; Maria Cléria Valadares-Ingliš; Rosameres Rocha Galvão; Tânia da Silveira Agostini Costa

Editores técnicos da coleção
Roberto Porro
Anderson Cássio Sevilha

Embrapa

Parque Estação Biológica (PqEB)
Av. W3 Norte (final)
70770-901 Brasília, DF
Fone: (61) 3448-4236
Fax: (61) 3448-2494
www.embrapa.br

Unidade responsável pela edição

Embrapa, Secretaria-Geral

Coordenação editorial
Alexandre de Oliveira Barcellos
Heloiza Dias da Silva
Nilda Maria da Cunha Sette

Supervisão editorial
Waldir Aparecido Marouelli

Revisão de texto
Maria Cristina Ramos Jubé
Lara Aliano Farias da Silva Pereira

Normalização bibliográfica
Ana Flávia do N. Dias Côrtes
Rejane Maria de Oliveira (CRB-1/2913)

Projeto gráfico e ilustrações
Sílvia Moan

Diagramação e arte-final da capa
Leandro Sousa Fazio

1ª edição

1ª impressão (2020): 500 exemplares

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia

Sebastião e Maria de Fátima : produção aliada à conservação : Povoado Jenipapo, Esperantinópolis, MA / Roberto Porro ... [et al.]. – Brasília, DF : Embrapa, 2020.
58 p. : il. ; 16 cm × 22 cm. – (Mestres do agroextrativismo no Mearim, 20)

ISBN 978-65-87380-01-8 (obra compl.). – ISBN 978-65-86056-81-5 (v. 20)

1. Médio Mearim. 2. Extrativismo sustentável. 3. Manejo. 4. Boas práticas. 5. Agricultura familiar. I. Porro, Roberto. II. Nascimento, Aline Souza. III. Matos, Francinaldo Ferreira de. IV. Sousa, Ronaldo Carneiro de. V. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. VI. Coleção.

CDD (21 ed.) 630.5

Ana Flávia do N. Dias Côrtes (CRB-1/1999)

© Embrapa, 2020



Autores

Roberto Porro

Engenheiro-agrônomo, doutor em Antropologia Cultural, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

Aline Souza Nascimento

Cientista social, mestranda da Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Francinaldo Ferreira de Matos

Administrador de empresas, mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, assessor do Movimento Interstadual das Quebradeiras de Coco-Babaçu, São Luís, MA

Ronaldo Carneiro de Sousa

Técnico em agropecuária, assessor da Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão, Pedreiras, MA





Agradecimentos

Agradecemos o apoio institucional e financeiro concedido pela Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF).

Aos diretores e técnicos da Assema, que apoiaram a produção desta coleção, e especialmente às famílias que compartilharam conosco valiosas informações.

A todos aqueles que contribuíram na edição dos 30 volumes da coleção, especialmente à equipe de editoração da Embrapa. O apoio e engajamento de Nilda Sette e Waldir Marouelli foram fundamentais. E também ao Cláudio Quinto Filho, da Assema, e Renan Matias, do projeto Bem Diverso, pela elaboração dos croquis dos estabelecimentos rurais.

Esperamos que as publicações geradas contribuam para dar visibilidade aos objetivos de desenvolvimento e bem-estar das comunidades agroextrativistas do Território do Médio Mearim, no estado do Maranhão.





Apresentação

Promover o desenvolvimento local e conservar a biodiversidade brasileira é um dos objetivos do projeto Bem Diverso, implementado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e coordenado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). Com foco nesse objetivo, foi elaborada uma coleção de 30 publicações, intitulada Mestres do Agroextrativismo no Mearim, em parceria com a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema).

As publicações trazem experiências e iniciativas locais consideradas bem-sucedidas no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.).

A apresentação dessas experiências nesta coleção, realizada em conjunto pela Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e a Embrapa Amazônia Oriental, marca mais uma etapa do trabalho desenvolvido pelas Unidades do projeto Bem Diverso, e reúne capacidades técnicas de inovação em biomas tão importantes como a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga, que se cruzam no Território da Cidadania do Médio Mearim.

Tendo como base as iniciativas para o manejo sustentável da palmeira babaçu, a coleção aborda temas como reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas; cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; comercialização de hortaliças produzidas de forma sustentável; pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; inovações na criação de pequenos animais; processamento local de frutas, mandioca ou leite e processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

Essa diversidade de temas mostra que estabelecer parcerias, como esta entre a Embrapa e diversas entidades, valoriza o trabalho de centenas de famílias agroextrativistas que realizam atividades exitosas no manejo sustentável e ajuda a manter e divulgar os princípios que são tão caros para a unidade familiar de produção, preservando o passado e antecipando o futuro, com os saberes tradicionais e as tecnologias de ponta em um só compasso.

Maria Cléria Valadares-Inglis
Chefe-Geral da Embrapa Recursos
Genéticos e Biotecnologia





Prefácio

Mais de 130 mil pessoas vivem na área rural do Território do Médio Mearim, sobretudo agricultores familiares, assentados e comunidades quilombolas. O Médio Mearim encontra-se numa zona de transição entre a Amazônia, o Cerrado e a Caatinga. Ao longo dos anos, o território perdeu boa parte da sua cobertura florestal nativa, por conta do desmatamento para formação de pastagens e agricultura extensiva. A palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng.), que sempre esteve presente na rica composição da vegetação originária que cobria o território, passou a dominar a paisagem em sucessão, tornando-se a espécie florestal predominante, cobrindo vastas áreas chamadas de babaçuais, que se tornaram a base do sustento de milhares de famílias no Médio Mearim.

Por essa razão, as comunidades lutam pela proteção das palmeiras, que sofrem pressão graças à tendência de sua eliminação por pecuaristas. Essa luta é protagonizada principalmente por mulheres, as quebradeiras de coco, que, além de coletar e processar o coco-babaçu, se organizam em movimentos sociais para garantir o acesso livre aos babaçuais, tanto em áreas públicas como privadas.

No início de 2017, a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) iniciou



uma parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), por meio do projeto Bem Diverso, para viabilizar a disseminação e replicabilidade de boas práticas de manejo agroextrativista realizadas no Território da Cidadania do Médio Mearim, Maranhão.

Um dos objetivos da atividade consistia em reconhecer e dar visibilidade ao esforço concreto do dia a dia das famílias agroextrativistas da área de atuação da Assema.

Com base em processo conduzido pela Assema, foram selecionadas 30 famílias entre as unidades produtivas agroextrativistas, em nove municípios do território. A seleção levou em conta o destaque das famílias na condução de uma ou mais das seguintes atividades: 1) reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade; 2) cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área; 3) cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental; 4) cultivo comercial de hortaliças; 5) pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais; 6) inovações na criação de pequenos animais; 7) processamento de frutas, mandioca ou leite; 8) processamento do coco-babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato.

A sistematização e a apresentação das iniciativas locais bem-sucedidas das famílias selecionadas, no manejo sustentável da agricultura e do extrativismo da palmeira babaçu, bem como os principais componentes do modo de vida de unidades familiares de produção no Médio Mearim são apresentados nos 30 volumes da coleção. Cada publicação retrata, portanto, o trabalho muito mais amplo realizado por centenas de famílias no território.



Este volume consiste na sistematização das iniciativas e práticas de manejo realizadas no estabelecimento rural da família de Sebastião Pereira Lima e Maria de Fátima Monteiro, no povoado Jenipapo, município de Esperantinópolis, MA. A família se destaca pelas inovações na criação de pequenos animais, aliada à conservação ambiental.

É importante destacar que, em praticamente todos os casos sistematizados, a iniciativa das famílias não se restringe a apenas uma atividade principal. É comum que duas ou três atividades predominantes sejam integradas no estabelecimento rural, onde também são executadas diversas outras atividades complementares.

Em cada caso, identificam-se as dimensões do caráter exitoso observado pela equipe de pesquisadores, técnicos e agentes de desenvolvimento que conduziram este trabalho ao longo de 18 meses, colhendo depoimentos, imagens e gerando textos que poderão ser utilizados em processos de aprendizado e compartilhamento do conhecimento, contribuindo, assim, para a divulgação do esforço desses mestres e mestras do agroextrativismo no Médio Mearim.

Convidamos, assim, leitores e leitoras a conhecer e compartilhar essas histórias.

Raimundo Ermino Neto
Coordenador-Geral da Associação em
Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão





Sumário

Breve trajetória **15**

Estabelecimento familiar **19**

A reserva serve
para segurar a vida **23**

Criação de gado,
bodes, porcos e aves **31**

Meios de vida **37**

Lições aprendidas e desafios **43**

Referências **47**



O casal Sebastião e Maria de Fátima com o filho José Abmael.



Breve trajetória

O agricultor Sebastião Pereira Lima (52 anos), piauiense, é casado há 28 anos com Maria de Fátima Monteiro (60 anos), maranhense. Moram com o filho adotivo José Abmael de Sousa (11 anos), conhecido como Mateus, no povoado de Jenipapo, município de Esperantinópolis, onde, atualmente, residem 66 famílias.

Natural da comunidade de Sabonete, no município vizinho de Igarapé Grande, dona Maria de Fátima chegou ainda criança em Jenipapo. Seu Sebastião migrou para o Maranhão em 1982, então com 16 anos. Ele afirma que

[...] a vinda para o Maranhão foi porque todos os anos o rio comia a roça. Na região que morávamos, todo ano, o velho meu pai botava roça no beirão de um rio chamado Gurgueia. Quando o rio enchia, levava os legumes todos, então ele foi desanimando.

Ao chegar à região, a família morou na Fazenda Cipó, no município de Esperantinópolis. “Passamos 2 anos de agregado, morando no monitoramento de seu Deuzinho [capataz da fazenda], para o dono, o senhor



Manoel Chaves, de Teresina”. Entretanto, Sebastião afirma que “não pagávamos renda. Essa fazenda era grande, extrema com Sumaúma, Centrão, Lago do Sigismundo e Potó”.

Em 1994, houve um conflito nessa região. Conforme descrito por Alcantara (2017), as famílias de Potó, Sumaúma e Jenipapo desenvolviam suas atividades agrícolas em terras arrendadas dessa fazenda, próxima às comunidades. Em 1989 e 1990, ocorre a mobilização por iniciativa dos residentes de Potó e Sumaúma para não mais pagarem renda. Nesse período, o fazendeiro pretendia vender suas terras, seja toda a propriedade ou lotes de 100 ha (hectares). Como as famílias que dependiam daquelas terras não tinham recursos para adquiri-las, formaram um mutirão que, com o apoio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STTR), foi até o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para buscar a desapropriação.

Posteriormente, os trabalhadores negociaram com o fazendeiro, e, em janeiro de 1994, o Projeto de Assentamento Cipó/Canaã foi regularizado sobre 1.127 ha, beneficiando 52 famílias. Foram definidas três subáreas (Potó, Sumaúma e Jenipapo). Porém, quando o Incra cadastrou os assentados, verificou-se que, em razão do tamanho da área, seria possível contemplar apenas 20 famílias. Os demais moradores fizeram um abaixo-assinado demandando que fossem incluídas as 32 famílias restantes, e assim foi aceita a solicitação. Definiram-se lotes de 14 ha, para as subáreas Jenipapo e Sumaúma, e de 28 ha, para a subárea Potó. Em seguida, foram criadas as associações de cada comunidade por meio de uma parceria entre o sindicato e a Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema).

Sebastião ressalta que a terra “só foi cortada porque as três comunidades [Sumaúma, Jenipapo e Lago do Sigismundo] se reuniram e fizeram o confronto”. Antes da criação do assentamento

pelo Incra, seu Sebastião e seus pais haviam adquirido uma casa em Jenipapo, em 1983. Contudo, “quando saímos de lá, ainda ficamos trabalhando dentro da terra do Manoel Chaves”. A casa foi paga com a venda do arroz e do milho porque “na época tínhamos uma roça até boa de tamanho, aí vendemos 20 sacos de milho e 15 sacos de arroz”.

Em 1988, Sebastião viajou para o garimpo Cambalacho I, no estado de Roraima. Com os ganhos adquiridos na atividade, conseguiu comprar 19,5 ha próximos ao povoado de Jenipapo, junto com Cícero Pereira, seu irmão. “Desse tempo só tem eu aqui, porque meu pai morreu no garimpo, e os outros irmãos estão no Rio de Janeiro”.



Foto: Aline Nascimento

Residência da família, em Jenipapo, Esperantinópolis.



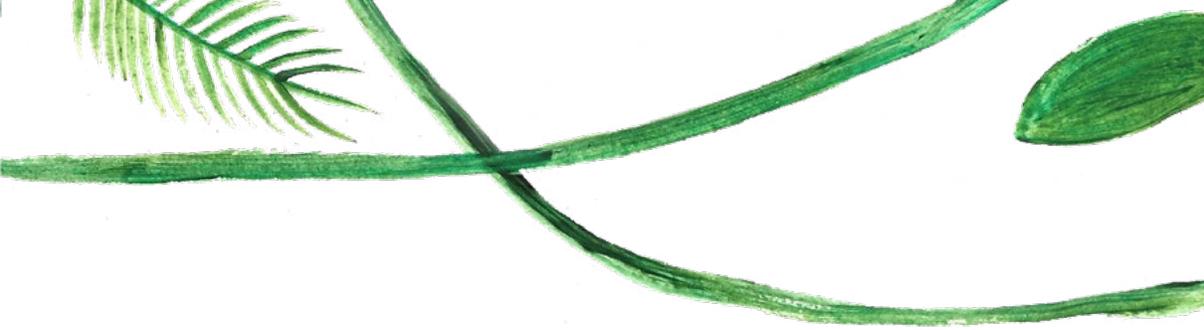
Vista do povoado de Jenipapo, em Esperantinópolis.

A família possui outra área, de 14 ha, no assentamento Cipó/Canaã, porque

[...] lá tinha um senhor de Gilberto que tinha adquirido esse lote e só vivia no mundo. Aí o Gilberto mais o Ninha [filho do primeiro casamento de dona Maria de Fátima] entraram num acordo, deu um dinheiro para o Gilberto e colocaram o Ninha para ficar lá. Eu e Ninha começamos a trabalhar nós dois juntos. O Ninha foi para o Rio em 2001, e um dia ligou e disse que não podia voltar, e como o presidente da associação da época disse que ele ia ficar de fora, então Ninha disse para colocar o nome da mãe no lote. Então desde esse dia estamos lá.

A terra foi oficialmente repassada para a família em 2008.

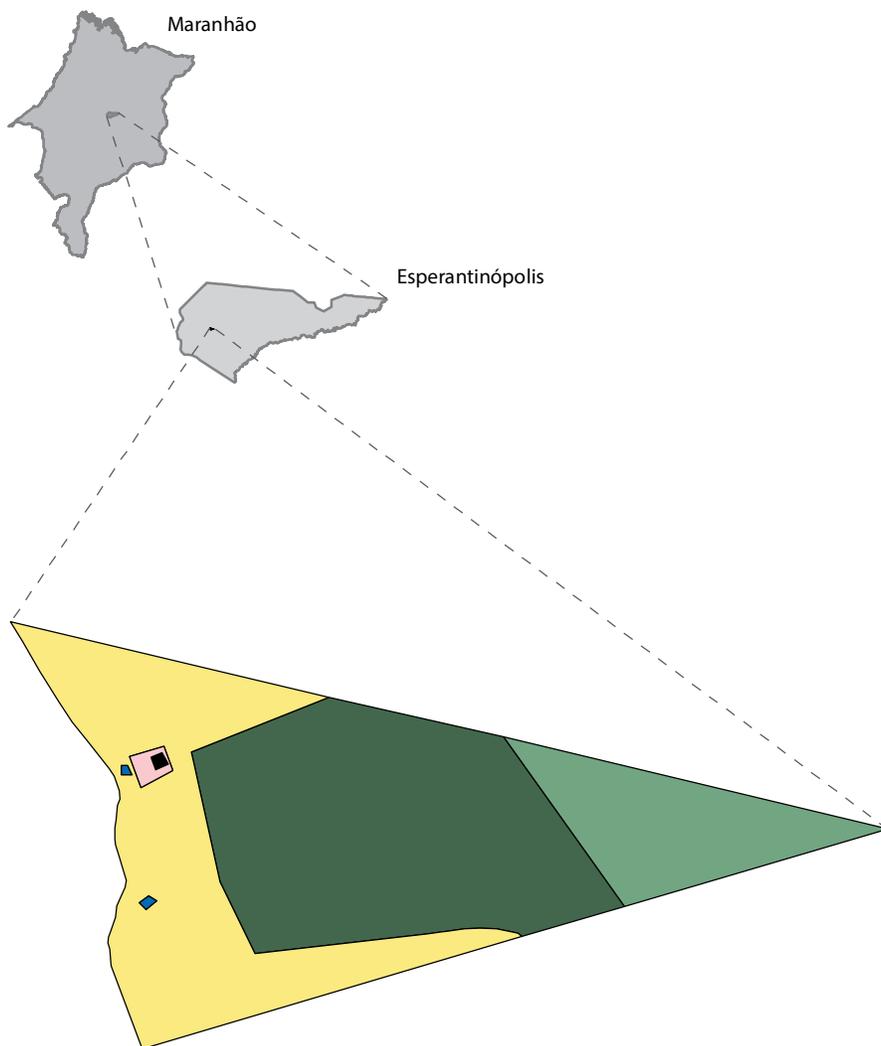
A Assema já atuava na região nesse período. Contudo, foi somente a partir da aquisição do lote que a família começou a participar ativamente das reuniões da associação e em outras iniciativas, por meio das quais passaram a receber acompanhamento técnico da Assema.



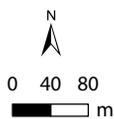
Estabelecimento familiar

A família reside no povoado de Jenipapo, distante 18 km da sede do município de Esperantinópolis. O estabelecimento adquirido próximo ao povoado, conforme o croqui a seguir, tem uma área de 18,0 ha (portanto menor do que os 19,5 ha adquiridos) e possui uma floresta secundária com 8,3 ha, preservada há 29 anos, e pastagens de capim-mombaça com 6,6 ha. Atualmente, a família possui um rebanho de 23 cabeças, incluindo 1 touro, 11 vacas, 5 garrotes, 4 novilhas e 2 bezerros. O gado utiliza também a outra área de pasto da família, com 5,0 ha de capim-braquiária, localizada no lote do assentamento, no Cipó. É ali que o gado passa a maior parte do tempo, mas quando a fonte de água no Cipó seca, geralmente no mês de outubro, o rebanho é trazido para Jenipapo, pois, ali, “o açude não seca nunca”, de acordo com seu Sebastião. Enquanto o gado permanece no outro lote, o açude é usado para pesca por algumas famílias da comunidade, sendo “bom para pesca de agosto pra frente”.

A área ainda conta com uma capoeira de 3 anos (3,0 ha) e um pomar com fruteiras no qual se destacam coqueiros (9), mangueiras (5), goiabeiras (3), ateiras (3), jaqueiras (3), tamarindeiros (2), pitombeiras (2), jenipapeiros (2), aceroleira (1) e graviroleira (1), assim como 19 touceiras de bananeira.



- Fruteiras (0,1 ha)
- Pasto (6,6 ha)
- Capoeira (3,0 ha)
- Floresta secundária (8,3 ha)
- Construções (114 m²)
- Açude (263 m²)



Localização e croqui do estabelecimento familiar.

Fonte: Adaptado de Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

As práticas de reflorestamento e preservação ambiental, conduzidas pela família, foram estendidas para a área do Cipó, onde, além dos 5,0 ha de pasto, existem 8,0 ha de regeneração florestal com cerca de 14 anos, 600 cajueiros e 1,0 ha de sabiazeiros usados para produção de madeira.

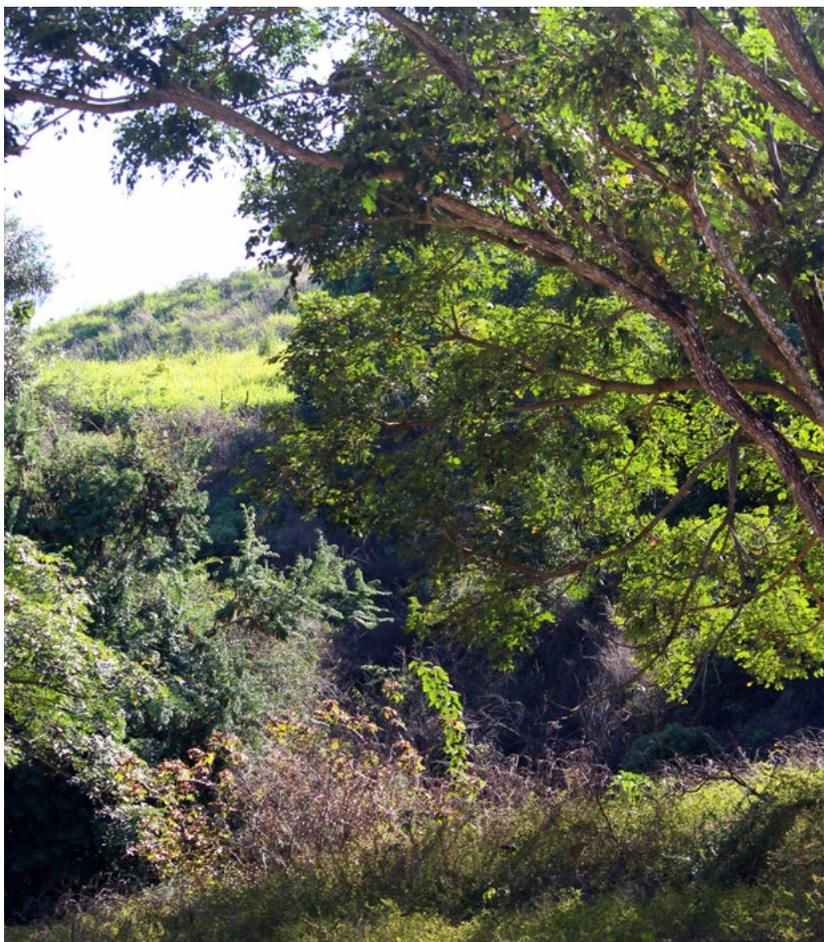


Foto: Aline Nascimento

Paisagem da reserva florestal no estabelecimento familiar.





A reserva serve para segurar a vida

O estabelecimento da família apresenta diversidade de cultivos, espécies florestais e animais (suínos, ovinos, caprinos e aves), criados soltos e que parecem ter se tornado elementos constituintes da paisagem.

Uma área foi destinada à conservação ambiental desde 1989. Seu Sebastião afirma que

[...] compramos o terreno e botamos roça umas duas vezes porque quando chegamos não tinha essa ideia de conservação ambiental. Quem primeiro falou para eu deixar um pedaço de mato foi uma técnica da Assema. O pessoal começou a dizer que quem não tivesse um pé de sabiá ia comprar madeira cara, então deixamos essa daí.

A reserva de 8,3 ha já supriu inúmeras demandas familiares, pois “já tiramos muita madeira para usar na propriedade e nunca precisamos comprar estaca”. Atualmente, “deixamos a reserva não somente para ter, num momento de precisão, de onde tirar tronco, tirar ‘travessa’”, mas também porque “a reserva serve para segurar a vida de um veado, de um tatu, de um peba”.



Reserva florestal no lote da família.

Essa mudança de atitude visando à conservação também está sendo adotada por outras famílias da comunidade. Seu Sebastião relata que “antes ninguém fazia nem aceiros na roça; agora, as pessoas estão fazendo aceiro largo para não invadir a mata. O manejo está sendo mais cuidadoso para invasão de fogo”.

Nas áreas com regeneração florestal entre Jenipapo e Canafístula, existem palmeirais densos, como pode ser observado na imagem a seguir, retratando a vista de quem está no fundo do terreno de dona Maria e seu Sebastião. A quebra de babaçu pela família, contudo, volta-se apenas ao consumo doméstico.



Foto: Aline Nascimento

Vista de babaçal denso em regeneração.

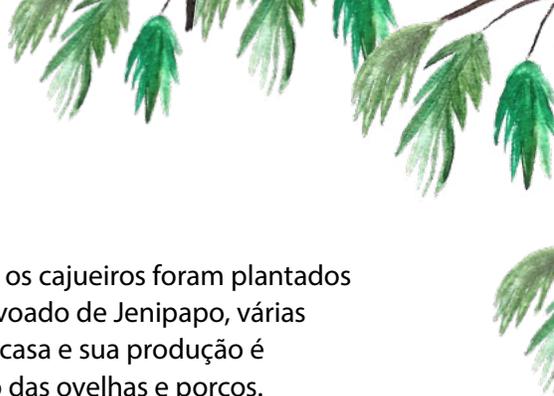
Seu Sebastião é cuidadoso ao fazer roça próxima à área de reserva, para que não atinja as espécies florestais no estabelecimento, como angico, aroeira, bordão-de-velho, embaúba, jatobá, oiti, maçaranduba e pau-d'arco. Mas considera que, de todas, "o sabiá é de qualidade melhor porque tem resistência mais longa". Algumas dessas espécies, como o pau-d'arco roxo e a aroeira, também são utilizadas por dona Maria para fins medicinais.

No Cipó, a família deixou 2,6 ha de reserva desde o tempo que recebeu a terra. Além das espécies florestais listadas acima, nesse local encontram-se marajazeiro, tuturubazeiro, pitombeira de leite, tucunzeiro, jenipapeiro, pequizeiro e outras frutíferas cultivadas como mamoeiro, goiabeira e bananeira.

Foto: Aline Nascimento



Cajueiros plantados por Sebastião e Maria de Fátima.



No lote do assentamento, no Cipó, os cajueiros foram plantados no alto de uma serra. Já na área do povoado de Jenipapo, várias árvores frutíferas ficam no entorno da casa e sua produção é também destinada para a alimentação das ovelhas e porcos.

Na área de vazante, localizada no Cipó, Sebastião plantou duas vezes, “mas da primeira vez estava muito embrejada do açude, então o feijão pubou. O milho nasceu. Quando andei lá, já estava puxando pendão. Também plantei muito quiabo, mas nasceu uns pezinhos aqui e acolá”. Alguns plantios da família também acontecem de maneira agroecológica, como o de feijão. Seu Sebastião tinha

[...] abafado uma lata em uma linha, mas se der é umas seis latas, pois, quando joguei o feijão, passou uns 5 dias para chover. Para dar muito feijão mesmo, joga o feijão no mato hoje, à noite dá uma chuva e o feijão nasce bom.

Agroecologia

A prática produtiva da agroecologia abrange as dimensões sociais, ambientais e econômicas, tendo como foco central a sustentabilidade dos recursos naturais. Nas palavras de Altieri (2008, p. 21).

A agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos quanto preservadores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis.

Enquanto expressão política do movimento social, a agroecologia tem sido apresentada como alternativa social e técnica capaz de superar os impasses do atual padrão de agricultura e de desenvolvimento.

Foto: Aline Nascimento



Plantio de milho associado a bananal.

Foto: Aline Nascimento



Ramas de fava na palhada da roça.

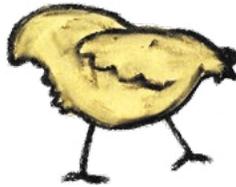
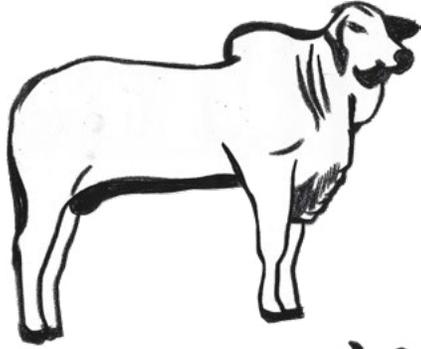
A roça de 2018, de cerca dez linhas (3,2 ha), foi plantada em terra de terceiros, na Serra do Potó, “porque o mato do Cipó está bem fininho e não presta para roça ainda, assim como do Jenipapo”. Foram plantadas seis linhas de arroz, e “dentro do arroz plantei milho de carreira e quatro linhas de milho de lastro”, além de abóbora e fava, plantada nos pés dos troncos das árvores que restaram na área.

A família cultiva três tipos de arroz: bico-ganga, mato-grosso e jatobá. “O bico-ganga é comprido, mato-grosso é mais gordinho, e o jatobá é amarelão. O melhor de bater é o bico-ganga, porque é bem molinho e também o mais gostoso”. Depois de colhido, o arroz fica no tijupá, local onde é armazenado em casca até o momento de ser batido e ensacado para ser, então, levado para casa.



Foto: Aline Nascimento

Sebastião e Mateus no paiol de arroz da família.





Criação de gado, bodes, porcos e aves

Seu Sebastião afirma que “desde 1984 tem uma sementinha de gado, uma hora sobe, outra hora desce”. A primeira novilha foi comprada em Poção de Pedras, para a qual alugou pasto, pois o pedaço de chão que possuía era reduzido. Iniciou com um animal e aumentou o rebanho com o decorrer do tempo, à medida que foi conseguindo condições que possibilitaram novos investimentos. O gado da família é predominantemente Nelore, mas inclui misturas das raças que ele denomina “anã e alandrês”.

A oscilação do tamanho do rebanho se deve a momentos de carência ou quando a crise aperta dentro de casa, como enfatizado por ele, obrigando a família, em certos momentos, a se desfazer da maioria para suprir alguma necessidade imediata. Seu Sebastião ainda abateu gado por bastante tempo para a venda de carne, principalmente no Centro do Pedrão, mas, em virtude de atrasos frequentes no recebimento do pagamento, optou por vender o animal inteiro, embora considere que essa forma de venda não compense os gastos realizados com os animais.



Rebanho bovino da família no pasto.

A família também cria caprinos, que são confinados durante a noite e soltos por volta das 12 horas. Seu Sebastião considera que uma hora diária é suficiente para se alimentarem, “depois ficam somente perturbando, e, como a cerca na propriedade não é resistente, podem andar demais, saindo para áreas vizinhas”. Entretanto, como o pasto não é adequado, costuma deixá-los livres por até duas horas.

O manejo da área e o cuidado dos animais são realizados por toda a família. O cultivo da roça fica a cargo de seu Sebastião. Contudo, dona Maria enfatiza que, quando seus filhos moravam com o casal, ela realizava todas as atividades no roçado, além de quebrar coco e fazer carvão. “Não ficava parada não, porque acho ruim”.



Foto: Aline Nascimento

Caprinos saindo do aprisco para pastoreio.



Foto: Aline Nascimento

Criação de caprinos no pasto.

Atualmente, em virtude de não ter quem assuma o controle da casa, dona Maria não pode se ausentar. Porém, como sempre esteve envolvida nas práticas extrativas e agrícolas, nunca se acostumou com essa nova realidade de realizar somente as atividades domésticas, embora estas exijam tanta disposição quanto as anteriores. Sempre que pode, quebra coco coletado por ela no próprio terreno no Jenipapo para fabricar azeite, usado nas refeições e na produção de sabão. Embora não participe nas atividades de cultivo, é dona Maria quem leva a alimentação para o marido, em longos trajetos feitos a pé, quando a roça é colocada no Cipó, ou subindo uma serra de terreno íngreme e escorregadio, no Jenipapo.

Foto: Aline Nascimento



Maria de Fátima preparando o almoço.



Fotos: Aline Nascimento

Maria de Fátima escolhendo feijão e ralando mandioca.



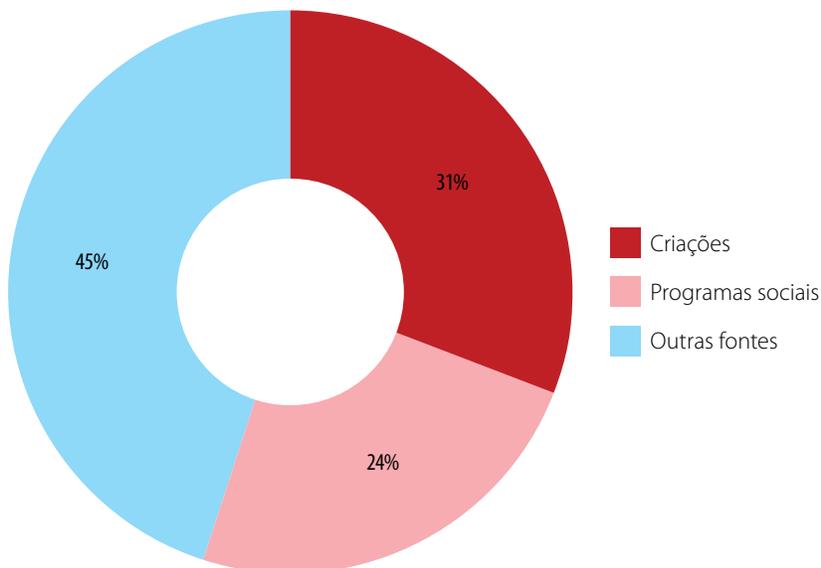




Meios de vida

O gráfico a seguir, elaborado com base nas informações fornecidas pelo casal em entrevista realizada em dezembro de 2017, inclui todas as fontes de renda monetária auferidas pelo domicílio para aquele ano. O gráfico indica que a maior parte dessa renda provém de outras fontes, que, no caso, correspondem a recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), obtidos por meio de empréstimo no Banco do Brasil e destinados a investimento para melhoria de pastagens.

O gráfico demonstra que a criação animal representou 31% do total anual e se constitui, portanto, na principal atividade da família. Das 23 cabeças de gado, a família costuma retirar leite de duas vacas, para o consumo familiar, embora, por vezes, vendam excedentes. Mas a principal fonte de renda é mesmo a venda do gado bovino, porque “para fazer 100 quilos de bode, é muito bode, e o gado, qualquer bezerrinho dá 100 kg”. Contudo, a venda do gado acontece somente em momentos de aperreio, e é vendido inteiro. Já o bode é abatido e a carne comercializada na sede do município. Geralmente, “mata de três bodes e quando alivia passa 3 meses sem matar”.



Fontes de renda monetária familiar.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

Pronaf

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) tem como público alvo agricultores, aquicultores, silvicultores e extrativistas que cumprem com os seguintes requisitos:

- Explorar parcela de terra na condição de proprietário, posseiro, arrendatário, comodatário, parceiro ou concessionário do Programa Nacional de Reforma Agrária, ou permissionário de áreas públicas.
- Residir na propriedade ou em local próximo.
- Não dispor, a qualquer título, de área superior a quatro módulos fiscais.
- Obter, no mínimo, 50% da renda bruta familiar originada do estabelecimento.
- Ter o trabalho familiar como predominante na exploração do estabelecimento.
- Ter obtido renda bruta anual familiar de até R\$ 360 mil nos últimos 12 meses.

Fonte: Brasil (2018).

Seu Sebastião prefere abater os animais, “porque fica com os fatos [vísceras] e vende por R\$ 18,00 o quilograma”. Além disso, considera “o bode bom de vender, não empanca não”. No período da entrevista, além do gado bovino, a família contava com um rebanho de 32 caprinos, 6 ovinos, e 12 suínos, sendo 5 matrizes e 7 crias.

Uma parte menor da renda derivada da criação animal é obtida pela venda de aves e ovos. As aves criadas pela família totalizam cerca de 75 bicos entre galinhas, frangos, pintos e patos. As galinhas são vendidas a uma senhora de Centro do Pedrão, povoado vizinho. Os suínos, assim como os caprinos, são vendidos inteiros e abatidos. Antes do abate, seu Sebastião comunica aos vizinhos interessados na compra da carne.



Foto: Aline Nascimento

Maria de Fátima alimentando as criações no quintal da casa.

Da produção agrícola da roça, apenas uma pequena quantidade de feijão foi comercializada naquele ano. De fato, nos 2 anos anteriores à entrevista, seu Sebastião não havia cultivado arroz. Sua principal produção havia sido o milho, que chegou a produzir 50 sacos, em 2016, e 60 sacos, em 2017, sendo utilizado integralmente para alimentação das criações domésticas.

A família comercializa castanha-de-caju há 10 anos, geralmente vendendo o quilograma (kg) a R\$ 2,00 para um comprador do povoado de Sumaúma. Houve ano em que coletaram 450 kg. Dona Maria afirma que, quando se mudou para o local, ela e o marido colhiam bastante. Contudo, a quantidade está diminuindo, talvez, de acordo com ela, em virtude do inverno, porque “quando dá uma chuvinha demora dar outra, e as flores que vão saindo secam.

Foto: Aline Nascimento

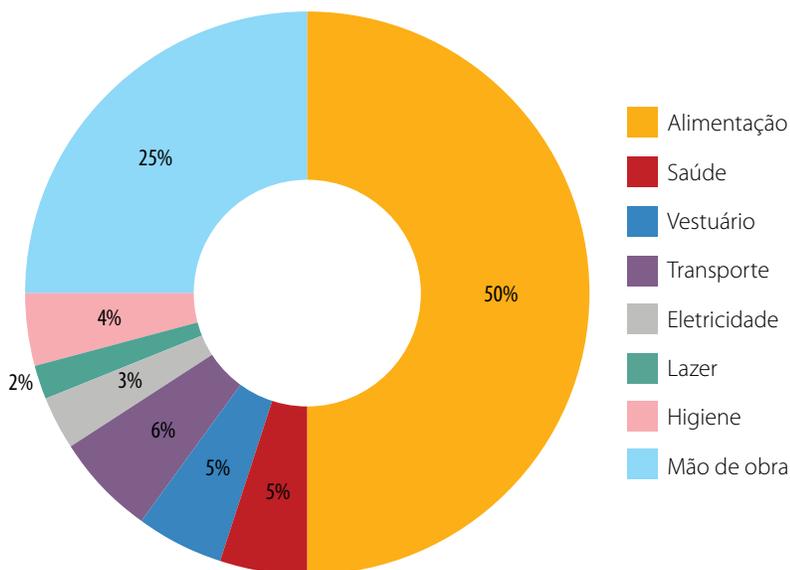


Sebastião e Mateus arrancando mandioca.

Algumas que ficam sem morrer que dão os cajus”. Em 2017, por exemplo, comercializaram somente 225 kg. Como possuem muitos coqueiros, já tentaram vender coco da praia, mas não acharam vantajoso.

A aposentadoria de dona Maria e o recurso do Bolsa Família recebido por Mateus funcionam como importante complemento para a economia familiar, correspondendo a 24% do total anual.

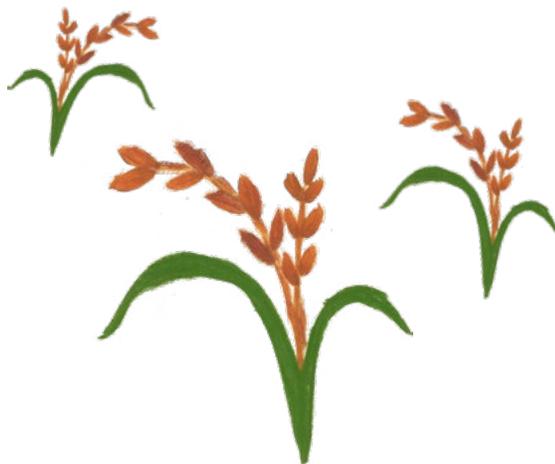
Quanto aos gastos familiares, o gráfico a seguir, elaborado com base nas informações fornecidas pelo casal para o mês anterior ao da visita, no final de 2017, indica que as maiores despesas foram relacionadas à alimentação, alcançando 50% do total. Tais gastos incluíram a compra de arroz, pelo fato de a família não o ter cultivado nos 2 anos anteriores.



Gastos familiares.

Fonte: Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (2018).

O outro item de maior despesa para a família foi mão de obra, que alcançou 25% do total gasto naquele mês, quando foi necessário pagar trabalhadores para ajudarem no preparo da área de roça. Como em 2018 seu Sebastião colocou roça em terra alheia, pagou 60 kg de arroz em casca por linha plantada (0,32 ha). Desse modo, precisou repassar 360 kg de arroz para o proprietário da terra como pagamento pelo arrendamento de seis linhas (cerca de 2,0 ha). Além dessa despesa, a família teve gastos para pilar o arroz, numa usina localizada na comunidade. Para cada saco beneficiado, “paga R\$ 7,00, mas, se não quiser, pode pagar em arroz, 3 kg ou 4 kg para um saco de 45 kg”. Às vezes, o arroz também é utilizado como forma de pagamento aos diaristas. O restante da despesa mensal familiar (25%) foi distribuído de forma equitativa entre os seis outros itens considerados, variando de 2% a 6% do total.





Lições aprendidas e desafios

A inviabilização das condições de existência levou seu Sebastião a migrar em busca de uma melhor situação econômica. Ter um pedaço de chão onde plantar assegurou a reprodução física e social de sua família, possibilitando sua emancipação e permanência no campo (Woortmann, 1990).

O acesso à terra permitiu à família produzir para o próprio sustento e comercializar uma parte da produção, a exemplo da criação animal. Todavia, ela enfrenta algumas dificuldades, principalmente em relação ao mercado, em virtude da desvalorização dos seus produtos, pois “tudo enquanto que a gente faz no mato termina a gente vendendo bem baratinho”. Apesar desses limitantes, a diversidade de espécies florestais e as atividades agrícolas possibilitam reduzir os gastos, gerar autonomia e segurança alimentar, evidenciando o sucesso da iniciativa.

O acompanhamento técnico contribuiu para esse resultado. Seu Sebastião ressalta que as orientações recebidas da Assema permitiram à família uma transição para as práticas agroecológicas e mudanças nos seus hábitos de consumo, ao priorizarem os alimentos por eles



Sebastião retornando para casa após dia de trabalho na roça.

produzidos. Desse modo, a alimentação é reforçada pelos cultivos da roça e criações, num sistema produtivo diversificado. Sem dúvida, o protagonismo da própria família é motivado pelas vivências, pelas memórias e pelos aprendizados de quando era agregada, e pelas dificuldades associadas à falta de terra para a agricultura familiar.







Referências

ALCANTARA, F. H. do C. Quais os princípios da educação do campo presentes nas práticas pedagógicas das escolas de educação básica do Projeto de Assentamento Cipó-Canaã, Esperantinópolis–MA? **InterEspaço**: revista de geografia e interdisciplinaridade, v. 3, n. 10, p. 182-198, set./dez. 2018.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

ASSOCIAÇÃO EM ÁREAS DE ASSENTAMENTO NO ESTADO DO MARANHÃO. **Diagnóstico socioeconômico da agricultura familiar no Médio Mearim**: agosto-novembro 2017. [Pedreiras, MA: Assema], 2018. Relatório não publicado.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/pronaf-o-programa-de-democratizacao-inclusao-gestao-e-geracao-de-renda-da-agricultura>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

WOORTMANN, K. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 7, n. 1, p. 35-53, 1990.





Coleção Mestres do Agroextrativismo no Mearim

Reflorestamento, sistemas agroflorestais e cultivos perenes diversificados para restauração de áreas degradadas e conservação da biodiversidade

- Volume 1 O novo reforço na produção agroflorestal de Domingos Mariano e Ivanilde
Quilombo São Bento do Juvenal, Peritoró, MA
- Volume 2 A produção da família Alves de Sousa aliada à recuperação do solo
Centro do Bertolino, Lago do Junco, MA
- Volume 3 A roça agroecológica da família de dona Sibá e seu João Valdeci
Centrinho do Acrísio, Lago do Junco, MA
- Volume 4 As vivências da família Sousa Lopes na construção da diversidade
Pau Ferrado dos Procópio, Lago do Junco, MA
- Volume 5 A preservação da biodiversidade pela família Santos
Povoado de Mangueira, Lima Campos, MA



Cultivos anuais intensificados sustentáveis que demandam menos mão de obra e/ou menos área

- Volume 6 A tradição da família de dona Belinha no cultivo do feijão abafado
Povoado do Lago do Sigismundo, Esperantinópolis, MA
- Volume 7 A recuperação da roça por meio de capoeiras de sabiá da família Soares
Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA
- Volume 8 As vivências da família Martins na produção agroecológica
Povoado Nova Olinda, Lima Campos, MA

Cultivos anuais tradicionais com menor impacto ambiental

- Volume 9 As boas práticas da família Pereira Santana
Sítio Novo, Lago do Junco, MA
- Volume 10 Alcimar e Maria de Fátima e a tradicional prática da roça no toco
Vila Nova, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA
- Volume 11 As boas práticas de produção sustentável da família Araújo
Povoado Palmeiral, Esperantinópolis, MA

Cultivos comerciais sustentáveis de hortaliças

- Volume 12 As boas práticas na produção agroecológica da família Furtado
Centro da Zozima, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 13 O exemplo da família de Josilene e Mizael no cultivo da horta

Povoado de Três Poços, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 14 As inovações de Rosa e Tião para uma boa produção em pequenas áreas

Centro dos Passarinhos, Lago dos Rodrigues, MA

Pecuária em pastagens produtivas integradas em babaçuais

Volume 15 As boas práticas dos Sousa na criação bovina em babaçuais

Povoado de São Manoel, Lago do Junco, MA

Volume 16 A integração de cultivos, criações e extrativismo pela família Cordeiro

São José dos Mouras, Lima Campos, MA

Volume 17 A experiência da família Meneses no manejo do babaçu em pastagens

Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Inovações na criação de pequenos animais

Volume 18 A diversidade da criação animal da família Monteiro

Povoado Canafístula, Esperantinópolis, MA

Volume 19 A integração das atividades produtivas da família Sousa

Povoado Baixinha, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 20 Sebastião e Maria de Fátima: produção aliada à conservação

Povoado Jenipapo, Esperantinópolis, MA



Volume 21 A vivência dos Freitas no manejo da roça e na criação de aves

Povoado de Alto Alegre, Lago da Pedra, MA

Processamento local de frutas, mandioca e leite

Volume 22 A diversificação da produção de dona Lila e seu Toinho

Comunidade Centro dos Cocos, São Luís Gonzaga do Maranhão, MA

Volume 23 Dona Beta e seu Matias pela preservação da vida e do solo

Estrada da Vitória, Poção de Pedras, MA

Volume 24 As boas práticas de produção e processamento da família de Lúcia e Chico Fartura

Povoado Serrinha, Igarapé Grande, MA

Volume 25 A qualidade da produção tradicional de queijo por Francisca e José Meneses

Serra do Aristóteles, Poção de Pedras, MA

Processamento do babaçu para produção de azeite, carvão, mesocarpo e confecção de artesanato

Volume 26 Os saberes da família Rego da Silva e o artesanato com babaçu

Centro do Coroatá, Esperantinópolis, MA

Volume 27 As boas práticas de dona Alódia na produção do sabonete de babaçu da Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais

Comunidade Ludovico, Lago do Junco, MA

Volume 28 A tradição do coco-babaçu na família de Francilene e Antônio Adão

Povoado São João da Mata, Lago dos Rodrigues, MA

Volume 29 A produção artesanal de azeite de babaçu da família Santos

Serra Quebrada, Poção de Pedras, MA

Volume 30 Francisca e Miguel e a beleza na produção do pacará

Centrinho da Aparecida, Lago do Junco, MA







O projeto Bem Diverso visa contribuir para a conservação da biodiversidade brasileira em paisagens de múltiplos usos, por meio do manejo sustentável de espécies e de sistemas agroflorestais (SAFs), de forma a assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e dos agricultores familiares, gerando renda e melhorando a qualidade de vida.

Fruto da parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o projeto é executado com o apoio de organizações do governo e da sociedade civil com recursos do Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF). As atividades tiveram início em 2016 e vão até 2020. Os principais eixos são a promoção do desenvolvimento sustentável de seis Territórios da Cidadania (TCs), por meio do uso da biodiversidade e de sistemas agroflorestais, e a geração de subsídios para aperfeiçoar as políticas públicas sobre uso sustentável e conservação da biodiversidade.

O Bem Diverso atua nos biomas Cerrado, Caatinga e Amazônia, reconhecidos pela importância socioambiental, mas ameaçados pelo desmatamento e aumento de práticas agrícolas insustentáveis. Nesses biomas, o projeto trabalha diretamente em seis TCs: TC Alto Rio Pardo (MG) e TC Médio Mearim (MA) no bioma Cerrado;

TC Sobral (CE) e TC Sertão de São Francisco (BA) no bioma Caatinga; e TC Alto Acre e Capixaba (AC) e TC Marajó (PA) no bioma Amazônia.

Os TCs são caracterizados por elevada biodiversidade; pela presença de espécies de plantas de importância econômica, manejadas por comunidades locais; pelo potencial para melhoria da qualidade dos produtos da biodiversidade, desde a coleta, passando pelo processamento até o consumo; e pela possibilidade para desenvolver ações com SAFs.

Contato

Parque Estação Biológica (PqEB), s/nº

70770-901 Brasília, DF

Fone: (61) 3448-4912

E-mail: contato@bemdiverso.org.br

www.bemdiverso.org.br





A Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema) é uma organização privada sem fins lucrativos de caráter regional, criada e liderada por agricultores(as) familiares e extrativistas do coco-babaçu. Fundada em 1989, a Assema tem sede na cidade de Pedreiras, localizada na parte central do estado do Maranhão, e tem por missão promover a melhoria da qualidade de vida das famílias agroextrativistas. Instituição parceira do projeto Bem Diverso no Território da Cidadania do Médio Mearim, no Maranhão, a Assema promove a produção familiar, utilizando e preservando os babaçuais.

Os objetivos estratégicos da Assema incluem combater as desigualdades de gênero e geração; contribuir para a produção de alimentos seguros e diversificados destinados ao autoconsumo e mercados; gerar renda por meio da organização dos processos comerciais cooperativistas e associativos no mercado justo e solidário; apoiar ações de educação contextualizada em escolas públicas rurais e de alternância; e empoderar os sujeitos para a intervenção nos espaços de tomada de decisão em políticas públicas destinadas à agricultura familiar.

A Assema é uma entidade plural que incorpora segmentos e ações diferenciadas, o que tem possibilitado amadurecimento na

forma de gestão participativa em que a orientação de suas ações parte das organizações de base. Para atender a essa dinâmica, conta-se com uma estrutura organizacional composta por áreas de Governança e Gestão Programática, Mobilização e Visibilidade.

Contato

Rua da Prainha 551

Bairro São Benedito

65725-000 Pedreiras, MA

Fones: (99) 3642-2061 / (99) 3624-2152 / (99) 3634-1463

www.assema.org.br





Impressão e acabamento





Apoio

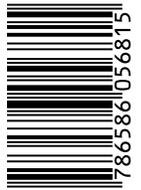


MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

ISBN 978-65-86056-81-5



9 786586 056815

CGPE 15725